

Perfeito com valor de mais-que-perfeito no português brasileiro: um paralelo entre fala e escrita

1. Introdução

No sistema modo-temporal do português, a expressão de anterioridade a um estado de coisa (EsC) passado é expressa, canonicamente, pelas formas verbais simples (*amara*) e composta (*tinha/havia amado*) de pretérito mais-que-perfeito (Cunha/Cintra 2001; Bechara 2004).

No entanto, a forma sintética de mais-que-perfeito praticamente desapareceu da modalidade falada, embora ainda seja preservada no discurso escrito (cf. Martins 2010; 2011), em razão do caráter mais conservador desta modalidade e da regulação a que está submetida. Como já evidenciado por Coan (1997; 2003), para a comunidade de fala florianopolitana, na modalidade falada, é a forma simples de pretérito perfeito, uma possível alternativa à variante simples de pretérito-mais-que-perfeito, que concorre como a forma composta, instaurando um outro quadro de variação.

Neste artigo, focalizamos esta alternância entre perfeito simples e mais-que-perfeito composto nas modalidades falada e escrita do Português Brasileiro, sob o prisma de pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, segundo os quais a língua é inerentemente variável e a variação é dotada de uma sistematicidade que pode ser identificada e descrita (Labov 1972; 1994). O nosso objetivo é identificar as motivações no uso do pretérito perfeito com valor de mais que perfeito e depreender as similaridades e/ou diferenças na distribuição das variantes nas duas modalidades. Considerando a possibilidade de que estas variantes estejam correlacionadas a fatores externos, controlamos a variável escolaridade, para a modalidade falada, e o tipo de jornal e revista, para a modalidade escrita. Uma vez que o mais-que-perfeito é, por definição, um tempo essencialmente anafórico, cuja referência temporal requer a existência de outro EsC situado num momento anterior na linha do tempo, consideramos também a variável tipo de ancoragem, em que controlamos as características do ponto de referência.

O corpus analisado nesta pesquisa reúne entrevistas sociolinguísticas da comunidade de fala carioca e textos de diferentes gêneros do domínio jornalístico, que compõem as seguintes amostras: Amostra Censo/RJ 2000 e Amostra do Discurso

Jornalístico¹. A Amostra Censo 2000/RJ é constituída por 32 entrevistas, realizadas entre os anos de 1999 e 2000 e estratificada com base nas seguintes variáveis sociais: a- idade (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 50 anos); b- escolaridade (1º e 2º ciclo do ensino fundamental e médio); c- gênero (feminino e masculino).

A amostra de escrita reúne duas subamostras. A *Amostra de Discurso Midiático* que integra a Base de Dados do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Esta amostra é constituída de textos publicados entre agosto de 2002 e fevereiro de 2004, representativos dos gêneros jornalísticos crônicas, reportagens, cartas de leitores e editoriais, extraídos de jornais e revistas cariocas direcionados a um público-alvo diferenciado: temos, por um lado, o *Extra* e *Povo*, mais populares; por outro lado, o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, menos populares. A segunda amostra reúne textos coletados do acervo *online* de edições anteriores das revistas *Época* e *Caros Amigos*. Dada a grande extensão do acervo, limitamo-nos a um conjunto de textos publicados no ano de 2009² e representativos dos gêneros entrevistas e reportagens.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, discutimos a expressão de anterioridade a um momento passado, enfatizando as razões diacrônicas que teriam autorizado o perfeito simples a indicar passado do passado no português contemporâneo; na seção 2, apresentamos a distribuição geral das formas verbais perfeito simples e mais-que-perfeito composto e discutimos o efeito das variáveis externas *escolaridade e tipo de jornal e revista*; na seção 3, debatemos a relevância da variável interna *tipo de ancoragem*. Em seguida, encontra-se a conclusão.

2. Expressão de anterioridade no passado

Canonicamente, anterioridade a um ponto de referência passado é expresso pela forma sintética de pretérito mais-que-perfeito, como em (*amaram*), originária da forma de mais-que-perfeito latino (*amaveram*), ou pela forma composta, constituída pelo auxiliar *haver* + particípio passado (Ptp), desenvolvida, segundo Mattos e Silva (2001, 40), entre os séculos XIV e XV, ou pelo auxiliar *ter* + Ptp, que, originariamente verbo de posse, se gramaticaliza como auxiliar de tempo a partir do século XVI, segundo Coan (2003).

No entanto, como supõe Bennett (1910, 47), a noção de passado do passado não é nova e «originally in Indo-European, priority in past time must have been indicated by the aorist³. But the aorist did not of itself denote prior action in past

¹ As entrevistas da Amostra Censo/RJ 2000 e a Amostra de Discurso Jornalístico foram organizadas e estão disponibilizadas *online* pelo Projeto PEUL: <www.lettras.ufrj.br/peul/>.

² Vale especificar que a pequena diferença na data das duas amostras não compromete a análise, visto que essa pesquisa não está interessada em depreender a trajetória das variantes em estudo.

³ Em sua origem o pretérito aoristo e o pretérito propriamente dito eram tempos independentes. O primeiro tinha como uso mais generalizado a sinalização de feitos passados e acabados que não guardam conexão alguma com o presente nem com a pessoa que fala. O segundo costumava-se usar para designar estado de coisas passados que guardam alguma conexão ou que se estendem até o presente de quem fala (cf. Climent 1948).

time. This relation was purely a suggestion of the context». No Indo-Europeu, o ponto de referência comum aos tempos verbais era o presente de quem fala e, a partir dele, distinguíam-se presente (simultaneidade ao Momento da Fala (MF)), passado (anterioridade ao MF) e futuro (posterioridade ao MF). Assim, embora a noção de anterioridade no passado não fosse inerente ao pretérito aoristo, na carência de uma forma verbal mais precisa, cabia-lhe desempenhar tal função, com o auxílio do contexto. A inovação dá-se no latim com a criação de uma forma verbal específica para sinalizar ação anterior no passado, o mais-que-perfeito latino.

Ainda no latim, o aoristo e o perfeito fundiram-se em uma única forma, o perfeito latino. Logo, não era mais possível distinguir os dois valores apenas pela desinência verbal (cf. Climent 1948). No entanto, diferentemente do que ocorreu na língua latina, nas línguas românicas (como o Português e o Espanhol), os valores aoristo e perfeito, respectivamente, distribuíram-se em um paradigma constituído de formas simples e composta para o tempo passado (cf. Campos 2000).

Apesar do aparecimento de uma forma específica para expressão de anterioridade no passado, como observa Climent (1948, 267), «a veces la antigua construcción volvia por sus fueros e infiltrándose en la frase reaparecía de nuevo».

Destacamos aqui três fatores que podem ter colaborado para que o emprego relativo do perfeito simples persistisse no português: a) desuso da forma simples de mais-que-perfeito; b) convergência entre as desinências de perfeito e mais-que-perfeito simples na terceira pessoa do plural; c) preservação do valor aoristo da forma de perfeito simples.

Thibault (1993, 407) distingue o sistema verbal do português do das outras línguas românticas por apresentar «une série de caractéristiques archaïsantes très marquées», entre elas a preservação de uma forma simples de mais-que-perfeito, descendente direta do mais-que-perfeito latino. Todavia, mesmo no português, Mattoso Câmara Jr. (1984) já menciona o baixo rendimento da forma simples de mais-que-perfeito na fala, até mesmo em registros escritos mais formais. Como explica o autor, em lugar do mais-que-perfeito simples «ou se emprega o pretérito perfeito, que não está formalmente marcado, como sucede com ele; ou se substitui por uma locução de particípio com o verbo auxiliar ter no pretérito imperfeito (tinha cantado em vez de – cantara)» (Mattoso Câmara 1984,100).

Em análise do período compreendido entre os séculos XVI e XX, Coan (2003) verifica o aumento de uso da forma composta de mais-que-perfeito em detrimento da forma simples e comportamento estável da forma de perfeito simples com valor de mais-que-perfeito. Em relação ao estágio atual, pesquisas sociolinguísticas já atestaram o desaparecimento da forma simples de mais-que-perfeito no português falado (Coan 1997; 2003), e sua escassez mesmo na modalidade escrita, em que fica restrito a registros mais formais, como os discursos jornalísticos (Martins 2010; 2011).

Outro fator que pode ter impulsionado o uso de perfeito simples com valor de mais-que-perfeito, no português, é a neutralização entre as desinências de perfeito

e de mais-que-perfeito simples na 3ª do plural, decorrência de um processo fonológico que remonta ao português arcaico. Diferentes autores (Coutinho 1967; Brocardo 2010) chamam a atenção para o fato de que, no português arcaico, essas formas verbais apresentavam desinências distintas (*/ã/ < -ant / /ô/ < -unt*), em concordância com suas respectivas origens etimológicas. Porém, no português do século XV, segundo Coutinho (1967), não mais se estabelecia distinção entre essas formas verbais na 3ª do plural, embora seja difícil determinar quanto tempo antes desse período a fusão entre *-om* e *-am* já se havia completado.

O terceiro (e, podemos dizer, o principal) fator que permite o emprego relativo do perfeito simples é a manutenção do valor aoristo. Como explicam Squartini/Bertinetto (2000, 403-404), com base no estudo de Martin Harris, em algumas variedades românicas «the compound past started as a true perfect, but underwent a process of gradual aoristicization (i.e. of transformation into a purely perfective past)». O passado composto assume, assim, o lugar do passado simples, a ponto de este vir a se tornar uma forma arcaica e/ou desaparecer do sistema modo-temporal. Os autores referem-se a esse processo, que pode ser atestado em estágio mais ou menos avançado a depender da língua ou variedade linguística, como deriva aorística ('aoristic drift'). A título de ilustração, citam-se o francês e o romeno como variedades românicas em que o processo de 'aoristização' atingiu estágios mais avançados, de maneira que o passado composto é de uso praticamente exclusivo e o simples, de frequência bastante limitada, está restrito a registros literários ou de alta formalidade. Diferentemente, o perfeito simples, no Português, configura-se uma forma altamente produtiva no paradigma de tempos verbais.

Ao contrário do que se verificou no caso do pretérito perfeito, para o mais-que-perfeito é a forma composta que preserva sua vitalidade. A nosso ver, é possível dizer que, semelhante ao ocorrido em outras línguas românicas (como o francês), a forma composta de mais-que-perfeito, no português, tenha passado igualmente por um processo gradual de 'aoristização' (nos termos de Squartini/Bertinetto 2000), observável, principalmente, na modalidade falada, contexto em que a forma composta se expandiu de tal forma que se tornou categórica, podendo expressar tanto o valor perfeito resultativo – construção a partir da qual se originou –, como o valor aoristo, que cabia à forma simples.

Na escrita, no entanto, modalidade em que as formas simples e compostas de mais-que-perfeito alternam, pode-se suspeitar de preservação de um contraste aspetual entre elas (Campos 2000). Desse modo, embora ambas possam, à semelhança do perfeito simples, manifestar os valores aoristo ou perfeito, «quando concorrem no mesmo contexto, convergindo na construção da significação, geralmente a forma simples tem valor aoristo e a forma composta tem valor perfeito» (Campos 2005, 135). Consideremos o exemplo (01):

(01) O tiroteio aconteceu quando já era grande o movimento na rua e causou pânico e correria [...]. O Santana usado pelos bandidos era roubado e já tinha sido usado em vários

assaltos no bairro, entre eles a uma banca de jornais na Rua Santa Clara e à loja Marisa da Nossa Senhora de Copacabana, de onde roubaram R\$ 18 mil. (Reportagem, JB, 23/10/02)

No exemplo (01), a forma verbal “tinha sido usado” apresenta valores associados ao perfeito, uma vez que o EsC codificado guarda conexão com o presente de quem fala, o que pode ser confirmado pelo fato de o veículo usado ter sido o mesmo já usado em outras ocasiões. Sobre a forma verbal “roubaram”, embora possa ser colocada a questão se se trata, efetivamente, do emprego da forma simples de perfeito ou mais-que-perfeito, dada a neutralização na terceira do plural, o fato é que, seja uma ou outra forma, o EsC codificado é de natureza aorística.

As seções seguintes destinam-se a traçar um paralelo entre fala e escrita no que diz respeito às motivações que atuam no emprego de perfeito simples com valor de tempo relativo em lugar de mais-que-perfeito no estágio atual do português.

2. Distribuição das variantes nas duas modalidades

Os resultados da análise estatística apontam a seguinte distribuição para as variantes pretérito perfeito simples (PPS) e pretérito mais-que-perfeito composto (PMQPC) nas duas modalidades (cf. Gráfico 1):

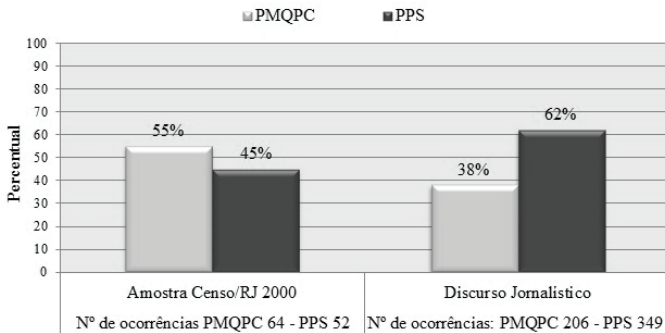


Gráfico 01: Distribuição geral das variantes PPS e PMQPC no PB falado e escrito

Os resultados apresentados no gráfico 01 referentes à distribuição geral das variantes mostram predomínio da variante não-marcada PPS na escrita (62%), diferentemente da fala, em que a comparação do intervalo entre as duas variantes (10 pontos de diferença) mostra a forte concorrência entre elas. No entanto, convém ressaltar que as frequências acima devem ser relativizadas em função da escolaridade, na modalidade falada, e do tipo de jornal ou revista, na modalidade escrita. A tabela 01 mostra os resultados para a variação entre as duas formas conforme o *continuum* de escolaridade:

| Escolaridade ¹ | Amostra Censo/RJ 2000 | | |
|----------------------------------|-----------------------|----|----------------------------|
| | Aplic./Total | % | PR |
| 1º segmento do EF (1º ao 5º ano) | 31/55 | 56 | .61 |
| 2º segmento do EF (6º ao 9º ano) | 9/23 | 39 | .44 |
| Ensino Médio (10º ao 12º anos) | 12/38 | 31 | .36 |
| TOTAL | 52/116 | 44 | Input: 0,44 Sig.: 0,049 |

Tabela 01: Escolaridade e o uso de PPS na comunidade de fala carioca⁴

Os resultados apontam que falantes com níveis mais baixos de escolaridade empregam preferencialmente a variante perfeito simples, com pesos relativos mais altos entre cariocas que cursaram os anos iniciais do Ensino Fundamental, .61. Em contrapartida, falantes com níveis de escolaridade mais altos reduzem, significativamente, os índices desta variante: peso relativo de .36 para falantes com Ensino Médio.

Para a modalidade escrita, o tipo de jornal e revista se correlaciona, de forma significativa, com maior ou menor recorrência da forma de PPS. Como mostra o gráfico 2, embora a variante pretérito perfeito simples predomine em todos os jornais e revistas analisados, ela se destaca principalmente nos jornais *Povo* e *Jornal do Brasil*, com índice idêntico ou superior a 80% e no jornal *O Globo* e na revista *Caros amigos*, com índices superiores a 60%. Na revista *Época* e no jornal *Extra*, os índices de perfeito e de mais-que-perfeito composto se aproximam.

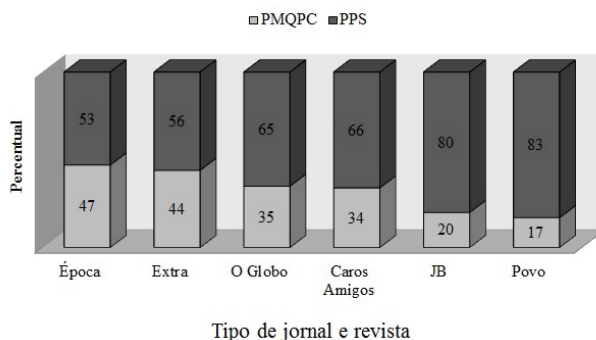


Gráfico 02: Distribuição de PPS e PMQPC em jornais e revistas

⁴ Os resultados para a variável escolaridade foram obtidos de uma análise, à parte, que incluía apenas variáveis sociais. Escolaridade foi a única variável que apresentou relevância estatística.

Embora não seja o foco desta pesquisa, algumas considerações são necessárias, ainda, sobre o auxiliar que integra a perífrase de mais-que-perfeito, visto constituir outro ponto passível de distinguir fala e escrita. De acordo com Teyssier (1984, 147), «dans la langue actuelle, *haver* n'existe plus comme auxiliaire que dans certains registres de la norme écrite, en particulier au Brésil. C'est donc *ter* qu'il convient d'adopter». Num estudo diacrônico sobre os usos de *ter* e *haver* como verbo pleno e como auxiliar, Coelho (2006) corrobora esta afirmação. A autora verifica que o auxiliar *haver*, nos séculos XV (32,46% contra 67,54% como verbo pleno) e XVIII (56,49% contra 43,51% como verbo pleno), apresentava percentuais significativamente superiores aos de *ter*. Contudo, no século XX, há uma redução acentuada do *haver*-auxiliar (27,78%). Ao longo do tempo, gradualmente, *ter* suplanta o uso de *haver*, passando de 11,66%, no século XV, e de 23,04%, no século XVIII, para 38,76%, no século XX. Almeida / Callou (2003) mostram, inclusive, que a expansão de *ter* nas estruturas com Ptp é similar nas variedades brasileira e europeia do português, como mostram os resultados de 88% e 90%, respectivamente, de implementação de *ter* no século XX.

Os resultados da presente pesquisa fornecem evidência adicional para a generalização de *ter* na perífrase de mais-que-perfeito, principalmente, na modalidade falada, em que foram registrados apenas 3 casos de *havia* + Ptp contra 61 com o auxiliar *tinha*. Na escrita, todavia, há, ainda, forte concorrência entre os auxiliares *tinha* e *havia*, sendo registrados 112 casos de *tinha* e 84 de *havia*. A produtividade do auxiliar *haver*, no discurso escrito, evidencia seu caráter mais conservador, dado que a combinação *havia* + Ptp, se empregada sistematicamente, torna a linguagem mais formal ou rebuscada.

3. Ponto de ancoragem do pretérito mais-que-perfeito

De forma mais prototípica, a expressão de passado do passado é garantida pela ocorrência de uma forma de pretérito perfeito no ponto de referência, como no exemplo (02):

Forma verbal perfectiva no PR:

(02) [...] *cheguei* um pouco em cima da hora, porque eu não fui sozinho [...] (Amostra Censo/RJ 2000 - Falante: 13 Glá)

No entanto, outros tempos verbais, como formas verbais no imperfeito, subjuntivo passado, outra forma de mais-que-perfeito ou mesmo uma forma não flexionada, como nos exemplos (03) a (05), podem estabelecer o ponto de referência para o mais-que-perfeito.

Forma verbal imperfectiva:

(03) [...] Eu tava lá na Ilha Grande acampando, aí conheci uma menina e tal, aí ela foi embora, aí a gente *tava* num... num barzinho tomando uma cerveja, né? eu e três amigos, né? mais umas meninas também, colegas nossa, que tinham viajado com a gente (Amostra Censo/RJ 2000 - Falante: 23 Flá).

Forma de subjuntivo passado:

(04) Houve uma epidemia de conjutivite hemorrágica. Parecia estranho, talvez o vírus *tivesse sido inoculado* pelos EUA, o que já tinha acontecido muitas vezes (*Caros Amigos*, junho 2009).

Forma verbal não-flexionada em tempo e modo:

(05) Desta vez o governo do Rio de Janeiro tomou a decisão acertada. Ao *saber* que os serviços de inteligência da polícia obtiveram informações sobre supostos planos de traficantes, para tumultuar as eleições no estado, a governadora Benedita da Silva pediu ao presidente da República a ajuda de tropas federais (*O Globo*, 04/10/02).

Na ausência de uma forma verbal explícita, elementos do contexto, mais especificamente, circunstanciadores temporais, retomadas discursivas e relações inferenciais ou pressuposicionais - como ilustram, respectivamente, os exemplos de (06) a (08) - podem fornecer as coordenadas que autorizam a interpretação de passado do passado. Cabe ressaltar que, diferentemente da ancoragem discursivo-textual em que há, no contexto textual, uma referência temporal explícita, no caso da inferência pela negação, o ponto de referência é pressuposto. Assim, no exemplo (07), a ancoragem é o discurso precedente e, no exemplo (08), o PR é garantido pela possibilidade de inferência de *vi* a partir da forma negativa da oração com nunca.

Circunstanciador de tempo:

(06) O traficante Elias Maluco foi levado para depor em juízo, no dia 9 de outubro, por cerca de 50 policiais militares. [...] *Anteriormente*, o comboio que levou Fernandinho Beira-Mar para depor tinha nada menos de 200 homens da Polícia Militar, quase tanta gente quanto foi empregada na bem-sucedida caçada ao próprio Elias Maluco (*O Globo*, 02/11/02).

Ponto de referência discursivo-textual:

(07) E: Onde você fez prova?

F: Fui mandado pra Campo Grande, num colégio chamado Sara Kubischek, totalmente fora de mão, totalmente contramão. Eu já tinha feito prova em Campo Grande, mas só que era próximo ao Centro lá [...] (Amostra Censo/RJ 2000 - Falante: 13 Gla).

Ponto de referência pressuposto:

(08) Aí chegou lá os caras ofereceram e quando chegaram deram o caranguejo e um pauzinho assim. Eu nunca tinha visto. (Amostra Censo/RJ 2000 - Falante: 27 Zil)

Podemos presumir que a variante perfeito simples seja favorecida nos contextos em que um PR explícito assegura a anterioridade temporal da outra forma verbal no passado, como casos de ancoragem discursiva em que relações anafóricas ou catafóricas atuam como uma âncora temporal ou no caso de presença de um circunstanciador de localização temporal.

Para os casos de ancoragem estabelecida por uma forma verbal, é possível que forma perfectiva favoreça o uso da variante perfeito simples, em contrapartida

formas imperfectivas, *irrealis* e não-flexionadas em tempo e modo levem à ocorrência da variante composta, pelas seguintes razões: a) EsC imperfectivos envolvem um prolongamento temporal, logo a variante composta sinalizaria mais explicitamente que o EsC ocorreu em um ponto temporal anterior, independentemente do intervalo temporal recoberto pela forma de imperfeito; b) EsC *irrealis* referem-se a situações hipotéticas, logo, a fim de marcar mais claramente a relação de anterioridade, convém uma forma verbal específica e c) formas nominais, por exemplo, não têm marcação de tempo, o que exigiria mais atenção e esforço por parte do falante para interpretar uma forma de pretérito perfeito como indicativa de um EsC anterior a outro no passado.

Pode-se esperar, ainda, que contextos de pressuposição também desfavoreçam a variante perfeito simples. Já que, neste caso, o PR está implícito, sendo necessário inferi-lo contextualmente, o emprego da variante composta marcaria, de forma mais precisa, a antecedência do EsC codificado, evitando possíveis ambiguidades com o MF.

Como mostram os resultados da tabela 02, os fatores associados à maior recorrência de perfeito simples são bastante paralelos nas duas modalidades, embora a magnitude no efeito de alguns deles seja distinta na fala e na escrita.

| Tipo de ancoragem | Amostra Censo/RJ 2000 | | | Amostra Discurso Jornalístico | | |
|---------------------------|-----------------------|----|----------------------------|-------------------------------|----|----------------------------|
| | Aplic./T. | % | PR | Aplic./T. | % | PR |
| Forma perfectiva | 41/71 | 57 | .55 | 271/368 | 73 | .57 |
| Discursivo-textual | 7/17 | 41 | .66 | 48/88 | 54 | .56 |
| Circunstanciador temporal | | | | 11/29 | 37 | .28 |
| Forma não flexionada | 0/4 | 0 | | 6/15 | 40 | .22 |
| Forma irrealis | | | | 2/8 | 25 | .16 |
| Forma imperfectiva | 4/20 | 20 | .25 | 11/40 | 27 | .12 |
| Pressuposto | 0/4 | 0 | | 0/7 | 0 | |
| TOTAL | 52/116 | 44 | Input: 0,43 Sig.: 0,048 | 349/555 | 62 | Input: 0,69 Sig.: 0,020 |

Tabela 02: Tipo de ancoragem e o uso de PPS no PB falado e escrito

Tanto na fala como na escrita, os fatores forma verbal perfectiva e ancoragem discursivo-textual se destacam como os mais favorecedores ao emprego da forma de perfeito simples. Na fala, observa-se, no entanto, que o efeito de ancoragem discursivo-textual (.66) é mais significativo no uso da variante perfeito simples do que forma verbal perfectiva (.55).

O efeito propensor ao uso da variante perfeito simples em casos de ancoragem discursivo-textual indica que, mais do que índices formais, o contexto textual é capaz de fornecer as coordenadas que eliminam a possível ambiguidade da forma de pretérito perfeito, tornando aceitável apenas uma de suas interpretações: a de passado anterior a outro EsC passado.

Nos casos de ancoragem estabelecida por outra forma verbal perfectiva, interessa ter atenção à estrutura sintática da oração, variável que, também, se mostrou estatisticamente relevante nas duas modalidades. Nos casos de orações subordinadas e hipotáticas (principalmente as temporais e as causais) (cf. Hopper 2003 [1993]), a maior dependência sintática e/ou semântica das orações propicia dispor dois EsC em um eixo temporal em que um antecede ao outro.

Vale ressaltar que, já no próprio latim, a forma de perfeito simples tende a ocorrer nos contextos em que há uma marcação temporal explícita atuando como âncora temporal, o que facilita a interpretação de anterioridade no passado.

Os resultados apontam haver similaridade, também, em relação aos fatores desfavorecedores à forma de PPS. São eles: forma verbal imperfectiva, forma verbal *irrealis* ou não-flexionada e pressuposição. Dessa forma, confirma-se nossa hipótese inicial de que a ausência de uma delimitação temporal impõe a necessidade de uma forma mais precisa de especificação temporal, no caso a variante composta.

4. Conclusão

Diferentemente de algumas variedades românicas (como o francês e o romeno), em que a forma de passado simples foi, praticamente, substituída pela de passado composto em decorrência de um processo gradual de ‘aoristização’ (cf. Squartini/Bertinetto 2000), no português, o passado simples é uma forma altamente produtiva, pois preserva o valor aoristo. Esta particularidade, associada ao decréscimo da forma simples de mais-que-perfeito, ao que tudo indica impulsionada pela neutralização fonológica das desinências de 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito e do pretérito mais-que-perfeito contribuíram para que o perfeito simples, à semelhança do que já ocorria com o perfeito latino, continuasse a ser empregado com o propósito mais geral de expressar passado perfectivo, seja anterior ao momento da fala ou a outro EsC passado.

A análise aqui desenvolvida sobre o emprego do perfeito com valor de mais-que-perfeito mostrou que há forte concorrência entre as formas de perfeito simples e mais-que-perfeito composto, principalmente, no português falado. No entanto, o aumento no nível de escolaridade reduz o uso de perfeito simples, em prol da forma canônica.

Na escrita, embora a forma de perfeito simples se mostre uma variante altamente produtiva em quase todos os jornais e revistas analisados, mídias mais formais, como a revista *Época* e o jornal *Extra* (editado pela InfoGlobo, mesma empresa do jornal *O Globo*), tendem a desfavorecer a variante de pretérito perfeito.

Similaridades entre fala e escrita foram apreendidas em relação às restrições estruturais que operam sobre a variação. A variante perfeito simples tende a ser mais utilizada em casos de ancoragem discursivo-textual e presença de outra forma verbal de pretérito perfeito, com um efeito ligeiramente mais favorável ao perfeito simples em casos de ancoragem discursivo-textual na modalidade falada. Dado que a forma verbal perfeito simples, semelhante ao que ocorria com o aoristo, pode ser empregada para denotar não apenas anterioridade ao MF mas também anterioridade a um EsC passado, contextos de ancoragem temporal explícita, como os citados acima, auxiliam na interpretação adequada do enunciado, ao tornar mais clara, no eixo temporal, a relação entre dois EsC passados relacionados.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Kellen Cozine MARTINS

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Maria da Conceição de PAIVA

Referências

- Almeida, Erica / Callou, Dinah, 2003. «Estruturas com *ter* e *haver* em textos jornalísticos: do século XIX ao XX», in: *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 510-515. (Disponível em: <<http://celsul.org.br/Encontros/05/pdf/069.pdf>>).
- Bechara, Evanildo, 2004. *Moderna gramática portuguesa*, 37. ed., Rio de Janeiro, Lucerna.
- Bennett, Charles E, 1910. *Syntax of early latin*, vol. 1, *The verb*, Boston, Allyn and Bacon.
- Brocardo, Maria Teresa, 2010. «Portuguese Pluperfect: elements for a diachronic approach», *Estudos Linguísticos* 5, 117-130.
- Campos, Maria Henriqueta Costa, 1997. *Tempo, aspecto e modalidade: estudos de linguística portuguesa*, Porto, Editora Porto.
- Campos, Maria Henriqueta Costa, 2000. «Sur les formes composées du prétérit en portugais», in: Englebert, Annick et al. (ed.), *Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes (Bruxelles 1998)*, vol. 2, 57-63.
- Climent, Mariano Bassols de, 1948. *Sintaxis histórica de la lengua latina*, Barcelona, Escuela de Filosofía, vol. 2.
- Coan, Márluce, 1997. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*, Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Coan, Márluce, 2003. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função (ões)-forma(s) em tempo real e aparente*, Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- Coelho, Sueli Maria, 2006. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa*, Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Comrie, Bernard, 1985 [1976]. *Aspect*, Cambridge, Cambridge University Press (Textbooks in linguistics).
- Comrie, Bernard, 1985. *Tense*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Coutinho, Ismael de Lima, 1967. *Pontos de Gramática Histórica*, 6. ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- Cunha, Celso/Cintra, Lindley, 2001. *Nova gramática do português contemporâneo*, 3. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Hopper, Paul, 2003 [1993]. «Grammaticalization across clauses», in: Hopper, Paul/Traugott, Elizabeth. *Grammaticalization*, 2. ed., Cambridge, Cambridge University Press, 167-203.
- Labov, William, 1972. *Sociolinguistic patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Labov, William, 1994. *Principles of Linguistics Change: internal factors*, 2. ed., Oxford, Blackwell.
- Martins, Kellen Cozine, 2010. *A expressão variável de anterioridade a um ponto de referência passado na escrita midiática*, Dissertação de mestrado (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Martins, Kellen Cozine, 2011. «A variação entre o pretérito mais-que-perfeito simples e composto em textos jornalísticos», *Diadorim* 8, 15-30.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia, 2001. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, 2. ed., São Paulo, Contexto.
- Mattosso Camara Jr., Joaquim, 1984. *Estrutura da língua portuguesa*, 14. ed., Petrópolis, Vozes.
- Paiva, Maria da Conceição A. de/Duarte, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.), 2003. *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro, Contra Capa.
- Said Ali, Manuel, 1964. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- Squartini, Mario/Bertinetto, Pier Marco, 2000. «The simple and compound past in Romance languages», in: Dahl, Östen (ed), *Tense and aspect in the language of Europe: empirical approaches to language typology*, Berlin, de Gruyter, 403-439.
- Teysier, Paul, 1984. *Manuel de Langue Portugaise*, Paris, Klincksieck.
- Thibault, André, 1993. «Formes synthétiques et analytiques de *praeteritum* dans la Romania», in: *Actes du XX^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, Tübingen, Francke, vol. 3, 397-410.